

Livro Eletrônico



Estratégia
CONCURSOS

Aula 01

**Literatura p/ Escola de Sargentos das Armas (EsSA) Com Videoaulas -
Pós-Edital**

Rafaela Freitas

APRESENTAÇÃO	2
TROVADORISMO.....	4
CANTIGAS DE AMOR	5
CANTIGA DE AMIGO.....	7
CANTIGAS DE ESCÁRNIO E DE MALDIZER	9
TEOCENTRISMO MEDIEVAL.....	12
Questões comentadas – Parte I.....	12
O RENASCIMENTO	15
<i>CARACTERÍSTICAS DO CLASSICISMO.....</i>	<i>16</i>
<i>LUÍS VAZ DE CAMÕES</i>	<i>17</i>
<i>Os Sonetos de Camões.....</i>	<i>18</i>
<i>OS LUSÍADAS.....</i>	<i>22</i>
Questões comentadas – parte II.....	25
LISTA DE QUESTÕES QUE FORAM COMENTADAS NESTA AULA.....	31
Gabarito.....	39



APRESENTAÇÃO

Queridos alunos, como vamos começar a analisar os períodos literários, acho importante vocês lembrarem cada século da nossa história em uma linha do tempo resumida.

Ao conjunto de traços e normas que orientam e caracterizam a produção artística de um determinado momento histórico denominamos estilo de época. Ao estudo das escolas e épocas damos o nome de historiografia literária.

A identificação de diferentes estilos de época permite melhor orientar o estudo das produções que utilizaremos para o estudo da Literatura. Vou apresentar e diferenciar cada estilo de época em um quadro bastante resumido das escolas literárias em Portugal e no Brasil, apenas para que você tenha uma noção mais geral de como elas se relacionam com importantes acontecimentos da história desses dois países.

Estilo	Portugal	Brasil	Características
Trovadorismo	1189/1198 A Ribeirinha Paio Soares de Taveirós Gêneros: cantigas (poesia), novelas de cavalaria, nobiliários, hagiografias.	-	Cantigas de Amor: sofrimento, idealização, eu lírico masculino, ambiente da Corte, dama inacessível, caráter analítico-descursivo. Cantigas de Amigo: eu lírico feminino, confessional, ambiente popular, paixão incorrespondida, realista, narrativo-descritiva. Cantigas de Escárnio e Maldizer: críticas indiretas ou diretas de pessoas ou fatos de uma época. Rica fonte de documentação.
Humanismo	1418 Fernão Lopes, guarda-mor da Torre do Tombo. Gêneros: historiografia, teatro popular, prosa doutrinária. Gil Vicente (teatro)	-	Teatro: em poesia, versa sobre assuntos profanos ou religiosos; carpintaria teatral rudimentar; ausência de regras; sem unidade de ação, tempo e espaço. Aspectos críticos de uma sociedade em transição.
Classicismo Quinhentismo	1527 Sá de Miranda Introdução da medida nova. Gêneros: poesia lírica, épica, teatro e crônicas. Camões (poesia)	1500 (Quinhentismo) 1º Documento escrito em terras brasileiras: Carta a D. Manuel. Gêneros: poesia lírica e épica, teatro e crônicas. Pero Vaz de Caminha José de Anchieta	Valorização do homem (antropocentrismo); paganismo (maravilhoso pagão); superioridade do homem sobre a natureza; objetividade; racionalismo; universalidade; saber concreto em detrimento do abstrato; retomada dos valores greco-romanos; rigor métrico, rímico e estrófico: equilíbrio e harmonia.

<p>Barroco</p>	<p>1580</p> <p>Morte de Camões</p> <p>Portugal sob o domínio espanhol.</p> <p>Gêneros: oratória sacra, política e social;</p> <p>poesia religiosa, satírica e lírico-amorosa.</p> <p>Pe. Antônio Vieira (oratória)</p>	<p>1601</p> <p>Bento Teixeira: publicação de Prosopopéia</p> <p>Pe. Antônio Vieira (oratória)</p> <p>Gregório de Matos (poesia)</p>	<p>Arte dos contrastes: antinomia homem - céu, homem - terra; visualização e plasticidade; fugacidade; não-racionalismo; unidade e abertura (perspectivas múltiplas para o observador); luta entre o profano e o sagrado. Culto a elementos evanescentes (água/vento). Sentido de transitoriedade da vida; carpe diem (aproveitar o momento); valorização do presente, movimento ligado ao espírito da Contra - Reforma; jogos de metáforas; riqueza de imagens; gosto pelo pomenor; malabarismo verbal – uso de hipérbato, hipérbole, metáforas e antíteses.</p>
<p>Arcadismo</p>	<p>1756</p> <p>Fundação da Arcádia Lusitana.</p> <p>Gênero: poesia</p> <p>Bocage (poesia)</p>	<p>1768</p> <p>Cláudio Manuel da Costa:</p> <p>Obras Poéticas</p> <p>Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga (poesia lírica e épica)</p> <p>Basílio da Gama e Santa Rita Durão (poesia épica)</p>	<p>Arte do equilíbrio e harmonia; busca do racional, do verdadeiro e da natureza; retorno às concepções de beleza do Renascimento; poesia objetiva e descritiva; áureas mediocratas: o objetivo arcádico de uma vida serena e bucólica; pastoralismo; valorização da mitologia; técnica da simplicidade. Literatura linear e regrada: inutilia truncat (cortar o inútil).</p>
<p>Romantismo</p>	<p>1825</p> <p>Almeida Garrett</p> <p>Publicação do poema Camões</p> <p>Gêneros: prosa (romance e novela) poesia e teatro.</p>	<p>1836</p> <p>Gonçalves de Magalhães</p> <p>Publicação de Suspiros Poéticos e Saudades</p> <p>Poesia: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves.</p> <p>Prosa: (urbanos) Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida; (regionalistas) Alencar, Bernardo Guimarães, Taunay; (indianista-histórico) Alencar</p>	<p>1ª Geração: nacionalismo, ufanismo, natureza, religião, indianismo/medievalismo.</p> <p>2ª Geração: mal do século, evasão, solidão, profundo pessimismo, anseio da morte.</p> <p>3ª Geração: condoreirismo, liberdade, oratória de reivindicação, transição para o Parnasianismo, literatura social e engajada.</p> <p>Geral: imaginação, fantasia, sonho, idealização, sonoridade, simplicidade, subjetivismo, sintaxe emotiva, liberdade criadora.</p>
<p>Parnasianismo/ Realismo/ Naturalismo</p>	<p>1865</p> <p>Questão Coimbrã: Antero de Quental contra Castilho (Novos x Velhos)</p> <p>Gêneros: prosa (romance, conto, crônica), poesia, crítica.</p> <p>Prosa: Eça de Queirós</p> <p>Poesia: Antero de Quental, Cesário Verde, Guerra Junqueiro.</p>	<p>1881</p> <p>Machado de Assis</p> <p>Publicação de Memórias Póstumas de Brás Cubas/ Realismo</p> <p>Aluísio de Azevedo</p> <p>Publicação de O Mulato/ Naturalismo</p> <p>Década de 80</p> <p>Definição do ideário parnasiano.</p> <p>Prosa: Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Raul Pompéia</p> <p>Poesia: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho.</p>	<p>Realismo: preocupação com a verdade exata, observação e análise, personagens tipificadas, preferência pelas camadas altas da sociedade. Objetividade. Descrições pomenorizadas. Linguagem correta, no entanto é mais próxima da natural, maior interesse pela caracterização que pela ação – tese documental.</p> <p>Naturalismo: visão determinista do homem (animal, presa de forças fatais e superiores – meio, herança genética, fisiologia, momento). Tendência para análise dos deslizes de personalidade. Deturpações psíquicas e físicas. Preferência pela classe operária. Patologia social: miséria, adultério, criminalidade, etc – tese experimental.</p> <p>Parnasianismo: arte pela arte, objetividade, poesia descritiva, versos impassíveis, exatidão e economia de imagens e metáforas, poesia técnica e formal, retomada de valores clássicos, apego à mitologia greco-romana.</p>



Simbolismo	1890 Eugênio de Castro Publicação de Oaristos Gêneros: poema e prosa. Poesia: Camilo Pessanha	1893 Cruz e Sousa Publicação de Missal (prosa poética) e Broquéis (poesia). Poesia: Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens, Pedro Ki kerry, Emiliano Pemeta.	Simbolismo: reação contra o positivismo, o Naturalismo e o Parnasianismo; individualismo, subjetivismo psicológico, atitude irracional e mística, respeito pela música, cor, luz; procura das possibilidades do léxico.
Pré-Modernismo		1902 Publicação de Os Sertões, de Euclides da Cunha; Canaã, de Graça Aranha. Prosa: Monteiro Lobato, Euclides da Cunha, Lima Barreto, Graça Aranha. Poesia: Augusto dos Anjos;	Pré-Modernismo: tendência das primeiras décadas do século XX, sentido mais crítico, fixando diferentes facetas da realidade social, política ou alterações na paisagem e cor local.

Vamos começar falando da época em que o Brasil ainda pertencia aos índios e que a produção literária e artística era realizada especialmente na Europa. Vamos começar com o TROVADORISMO.

TROVADORISMO

Antes de começarmos a estudar Literatura Brasileira, é muito importante, inicialmente, compreendermos o início da **Literatura Portuguesa**. Saibam que as primeiras manifestações literárias em língua portuguesa ocorreram na **Idade Média**. Sim! Quando Portugal ainda estava em processo de formação. Esse período é conhecido como **Trovadorismo**. Portanto, o Trovadorismo é o primeiro período da história da Literatura Portuguesa e é o primeiro que nós iremos estudar.

Quando teve início?

O Trovadorismo surgiu na Idade Média, no século **XII** e o seu marco inicial foi a "Cantiga da Ribeirinha" (ou "Cantiga da Garvaia"), escrita em 1189 por Paio Soares de Taveirós.

Por que chamamos os poetas dessa época de "trovadores"?

Caros alunos, nessa época, o povo não sabia ler nem escrever. Até mesmo por isso, o gênero que mais se destacou no período do Trovadorismo foi a **poesia**, que, aliás, era cantada (daí vem o nome “cantigas”), acompanhadas de música e de dança. Os trovadores compunham e cantavam essas cantigas, que eram escritas e reunidas em livros chamados cancioneiros.

Agora, vamos à parte mais importante da matéria: vamos falar a respeito dos tipos de poesia trovadoresca.



No Trovadorismo, as cantigas lírico-amorosas eram de dois tipos: **de amor e de amigo**. Vejam as características de cada uma e as suas diferenças.

CANTIGAS DE AMOR

Com linguagem mais rebuscada e ambientação aristocrática das cortes, o eu-lírico masculino vive declarando o seu amor para uma **mulher idealizada, inatingível e distante**. Seu amor **nunca é correspondido** e o homem sempre é inferior à mulher, como um vassalo (servo feudal) em relação ao seu suserano (senhor feudal). Há presença o tempo todo da “coita d’amor” (sofrimento amoroso).

Exemplo: cantiga escrita por **Garcia Buralês**

Ai eu coitad! E por que vi
a dona que por meu mal vi!
Ca Deus lo sabe, poila vi,
nunca já mais prazer ar vi;

ca de quantas donas eu vi,
tam bõa dona nunca vi.

Tam comprida de todo bem,
per boa fé, esto sei bem,
se Nostro Senhor me dê bem
dela! Que eu quero gram bem,
per boa fé, nom por meu bem!
Ca pero que lh'eu quero bem,
non sabe ca lhe quero bem.

Ca lho nego pola veer,
pero nona posso veer!
Mais Deus, que mi a fezo veer,
rogu'eu que mi a faça veer;
e se mi a non fazer veer.
Sei bem que non posso veer
prazer nunca sem a veer.

Ca lhe quero melhor ca mim,
pero non o sabe per mim,
a que eu vi por mal de mi[m].

Nem outre já, mentr' eu o sem
houver; mais s perder o sem,
dire[i]-o com mingua de sem;

Ca vedes que ouço dizer
que mingua de sem faz dizer
a home o que non quer dizer!





TOME NOTA!

Vassalagem amorosa

Assim como na estrutura feudal, o amor expresso nas cantigas de amor seguiam o modelo de servo (vassalo) e senhor (suserano). Mas, diferente das relações sociais, a mulher aqui era a SENHORA e tinha o homem como SERVO. A isso se dá o nome de vassalagem amorosa.

CANTIGA DE AMIGO

As cantigas de amigo focalizam o outro lado da relação amorosa: temos agora representado o **sofrimento amoroso da mulher**, via de regra pertencente às camadas populares (pastoras, camponesas, etc.). Em razão da guerra ou de outra mulher, a dama é abandonada e sofre pelas promessas não cumpridas e pela saudade. Em tom confessional, as cantigas de amigo são dirigidas à mãe, às amigas, aos pássaros, aos arvoredos, às fontes, aos riachos, etc.

No exemplo a seguir, do trovador Julião Bolseiro, o diálogo se estabelece entre a mulher apaixonada e sua filha, que impede a mãe de ver seu amado:

Mal me tragedes, ai filha,
porque quer ' aver amigo
e pois eu com vosso medo
non o ei, nen é comigo,
no ajade-la mia graça
e dê-vos Deus, ai mia filha,
filha que vos assi faça,
filha que vos assi faça.

Sabedes ca sen amigo
nunca foi molher viçosa,
e, porque mi-o non leixades
ver, mia filha fremosa,



no ajade-la mia graça
e dê-vos Deus, ai mia filha,
filha que vos assi faça,
filha que vos assi faça.
Pois eu non ei meu amigo,
non ei ren do que desejo,
mais, pois que mi por vós v~eo
Mia filha, que o non vejo,
no ajade-la mia graça
e dê-vos Deus, ai mia filha,
filha que vos assi faça,
filha que vos assi faça.

Por vós perdi meu amigo,
por que gran coita padesco,
e, pois que mi-o vós tolhestes
e melhor ca vós paresco
no ajade-la mia graça
e dê-vos Deus, ai mia filha,
filha que vos assi faça,
filha que vos assi faça.



Nas cantigas de amigo temos ambiente rural, linguagem simples e forte musicalidade (ex: paralelismo – repetição de palavras ou frases). Eu-lírico feminino, que vive se lamentado porque o namorado foi para a guerra. Amor natural e espontâneo. Obs: nesse contexto, "amigo" tem o mesmo sentido de "namorado".

DIFERENÇAS entre as cantigas de AMOR e de AMIGO





NÃO
CONFUDA!

Cantigas de Amor:

- Eu lírico masculino.
- Ausência do paralelismo; predominância das ideias.
- Motivo literário principal: a certa amorosa do poeta perante um mulher idealizada.
- Amor cortês, convencionalismo.
- Ambientação aristocrática das cortes.
- Forte influência provençal.

Cantigas de Amigo:

- Eu lírico feminino.
 - Presença do paralelismo; musicalidade.
 - Motivo literário principal o lamento da moça cujo namorado partiu.
 - Amor natural e espontâneo.
 - Ambientação popular rural ou urbana.
 - Influência provençal atenuada; presença da tradição oral ibérica.
-

CANTIGAS DE ESCÁRNIO E DE MALDIZER

São poemas **satíricos**. Nas de escárnio, ressaltam-se a ironia e o sarcasmo. Já as de maldizer são agressivas, abertamente eróticas, a sátira é expressa de forma direta, sem meias palavras, chegando a usar termos chulos. Escritas, às vezes, pelos mesmos autores das cantigas de amor e de amigo, revelam um terceiro "eu lírico", cuja licenciosidade se aproxima da vida das camadas sociais mais populares. Como exemplo, vejamos esta cantiga de **maldizer** de Afonso Eanes de Coton:

Marinha, o teu folgar



tenho eu por desacertado,
e ando maravilhado
de te não ver rebentar;
pois tapo com esta minha
boca, a tua boca, Marinha;
e com este nariz meu,
tapo eu, Marinha, o teu;
com as mãos tapo as orelhas,
os olhos e as sobrancelhas,
tapo-te ao primeiro sono;
com a minha piça o teu cono;
e como o não faz nenhum,
com os colhões te tapo o cu.
E não rebentas, Marinha?



■ Não podemos esquecer que todas essas cantigas eram musicadas. Os trovadores as cantavam, acompanhados de um ou vários instrumentos musicais. E, em algumas situações, elas podiam, inclusive, ser dançadas.



Cantigas de Escárnio	Cantigas de Maldizer
<ul style="list-style-type: none"> - Sátira indireta (o nome da pessoa satirizada dificilmente aparece) - Exploração de duplos sentidos e de trocadilhos - Significados implícitos 	<ul style="list-style-type: none"> - Sátira direta (o nome da pessoa satirizada normalmente aparece) - Linguagem grosseira e chula, que recorre a termos obscenos - Significados explícitos
<p>Exemplo: “Uma dona, não digo eu qual, Não agourou neste ano mal, Pelas oitavas de Natal: la pra sua missa ouvir, Mas houve um corvo carniçal, De casa mais não quis sair.”</p>	<p>Exemplo: “Da vossa mulher, ó meu Pero Rodrigues, Jamais creiais no mal que falam dela. Pois bem sei eu que ela por vós mui zela, Quem não vos quer vos traz somente intrigas! Pois quando deitou ela em minha cama, A mim mui bem de ti ela falava, Se a mim deu o corpo, é a vós quem ela ama.”</p>
<p>Tradução Didática <i>Uma dona, não digo eu qual, Não teve neste ano mau pressentimento, Nos oitos dias anteriores ao Natal: la para a Igreja ouvir missa, Mas lá apareceu um sedutor, E de casa ela não quer mais sair.</i></p>	<p>Tradução didática: Da sua mulher, ó meu Pero Rodrigues, Jamais acredite no que falam dela. Pois eu bem sei que ela o adora, Quem não gosta de você é que faz intrigas! Pois quando ela deitou em minha cama, Falava-me muito bem de você, Se a mim deu o corpo, é a você que ela ama.</p>

Infelizmente, muitas dessas cantigas acabaram desaparecendo, já que eram transmitidas também por via oral. Alguns manuscritos, contudo, foram compilados em obras a que damos o nome de "cancioneiros", quase sempre graças às ordens dos reis. Assim, as cantigas hoje existentes podem ser encontradas em três cancionários:

- a) Cancioneiro da Ajuda (composto no reinado de Afonso 3º, no final do século 13, tem 310 cantigas, a maioria de amor;
- b) Cancioneiro da Biblioteca Nacional (ou Cancioneiro Colocci-Brancuti): contém 1.647 cantigas, de todos os tipos, elaboradas por trovadores dos reinados de Afonso 3º e dom Dinis.
- c) Cancioneiro da Vaticana: possui 1.205 cantigas de todos os tipos.

Entre os principais trovadores, devemos citar: João Soares Paiva, Paio Soares de Taveirós, dom Dinis (que deixou cerca de 140 cantigas líricas e satíricas), João Garcia de Guilhade e Martim Codax.

De todas as cantigas existentes, apenas 13 são acompanhadas de notação musical.



TEOCENTRISMO MEDIEVAL



O teocentrismo medieval significava que a religião era a coisa mais valiosa na vida das pessoas. Deus estava no centro de tudo, representado pela igreja católica. Todos obedeciam cegamente à Igreja porque **acreditavam que só ela tinha autoridade para dizer o que era verdadeiro e falso neste mundo**. Na Idade Média, a vida cultural estava **dominada** pela Igreja. A maioria dos intelectuais e das pessoas alfabetizadas pertenciam a ela. Quase todos os livros escritos e obras de arte eram sobre temas religiosos!

QUESTÕES COMENTADAS – PARTE I

01. (Mack) Assinale a afirmativa correta sobre o texto I.

Texto I

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
E ai Deus, se verrá cedo!
Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ai Deus, se verrá cedo!

Martim Codax

Obs.:

verrá = virá

levado = agitado

- a) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico masculino manifesta a Deus seu sofrimento amoroso.
- b) Nessa cantiga de amor, o eu lírico feminino dirige-se a Deus para lamentar a morte do ser amado.
- c) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico masculino manifesta às ondas do mar sua angústia pela perda do amigo em trágico naufrágio.
- d) Nessa cantiga de amor, o eu lírico masculino dirige-se às ondas do mar para expressar sua solidão.
- e) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico feminino dirige-se às ondas do mar para expressar sua ansiedade com relação à volta do amado.

Comentário: trata-se de uma cantiga de amigo, pois o eu-lírico feminino chama de “amigo” aquele que espera. É comum nesse tipo de cantiga a amada conversar com o mar, com o vento, com a natureza, indagando por onde anda o seu amado/amigo que há muito não vê.

GABARITO: E

Senhor feudal

Se Pedro Segundo

Vier aqui

Com história

Eu boto ele na cadeia.

Oswald de Andrade

02. (UNIFESP) O título do poema de Oswald remete o leitor à Idade Média. Nele, assim como nas cantigas de amor, a ideia de poder retoma o conceito de

- a) fé religiosa.
- b) relação de vassalagem.
- c) idealização do amor.
- d) saudade de um ente distante.
- e) igualdade entre as pessoas.

Comentário: se existe uma relação de poder que faz referência à Idade média, essa ideia só pode ser com relação a vassalagem.

GABARITO: B



03. Assinale a alternativa que identifique corretamente o tipo de composição poética exemplificada no trecho.

Ai, dona fea, foste-vos queixar
Que vos nunca louv`em[o] meu trobar;
Mais ora quero fazer um cantar
Em que vos loarei toda via;
E vedes como vos quero loar:
Dona fea, velha e sandia!

(D. Joam Garcia de Guilhade)

- a) cantiga de amor
- b) cantiga de amigo
- c) cantiga de amigo, sem refrão
- d) cantiga de escárnio
- e) cantiga de maldizer

Comentário: trata-se claramente de uma cantiga satírica. O eu-lírico diz da chamada “dona fea” de velha e louca (sandia). Pelo fato de não expor o nome da “dona”, chamamos de cantiga de escárnio.

GABARITO: D

04. (UM-SP) Nas cantigas de amor,

- a) o trovador expressa um amor à mulher amada, encarando-a como um objeto acessível a seus anseios.
- b) o trovador velada ou abertamente ironiza personagens da época.
- c) o “eu-lírico” é feminino, expressando a saudade da ausência do amado.
- d) o poeta pratica a vassalagem amorosa, pois, em postura platônica, expressa seu amor à mulher amada.
- e) existe a expressão de um sentimento feminino, apesar de serem escritas por homens.

Comentário: nas cantigas de amor, o eu-lírico é masculino e coloca-se como o Servo da sua amada Senhora, no que chamamos de Vassalagem amorosa, ao estilo do modelo serviu da Idade Média.

GABARITO: D



05. (Fuvest-SP) Interpretando historicamente a relação de vassalagem entre homem amante/mulher amada, ou mulher amante/homem amado, pode-se afirmar que:

- a) o Trovadorismo corresponde ao Renascimento.
- b) o Trovadorismo corresponde ao movimento humanista.
- c) o Trovadorismo corresponde ao Feudalismo.
- d) o Trovadorismo e o Medievalismo só poderiam ser provençais.
- e) tanto o Trovadorismo como o Humanismo são expressões da decadência medieval.

Comentário: a vassalagem é a relação existente entre o senhor feudal (suserano) e seus servos (vassalos). Sendo assim, a vassalagem amorosa do Trovadorismo corresponde ao Feudalismo.
GABARITO: C

O RENASCIMENTO

ORIGEM E CONTEXTO HISTÓRICO

Durante o século XIV, a Europa começava a se preparar para uma grande transformação política, econômica e cultural que teve seu auge ou apogeu nos séculos XV e XVI, chamado de **classicismo** (nas artes), também conhecido como quinhentismo, já que se manifestou no século XVI, em 1527, quando o poeta Sá de Miranda retornou da Itália trazendo as características desse novo estilo. Este fato marcou o início dos tempos modernos. Esse período, pela história passa a ser conhecido como **RENASCIMENTO**, no qual o homem passa a se redescobrir, mudar de valores ter uma nova visão do mundo.

A sociedade que era dominada pelo **teocentrismo medieval** passa a dar lugar ao **antropocentrismo**, ou seja, a valorização do homem, **ele passa a ser o centro dos estudos e a exaltação da natureza humana**, pois o **homem** começa a entender sua capacidade realizadora: ele pode conquistar, inventar, criar, produzir e fazer qualquer outra coisa. Esse caráter humanista ou antropocêntrico estava esquecido nas "trevas" da Idade Média, embora já estivesse existido na Antiguidade clássica, como exemplo na civilização grega. No início do século XVI, ocorre o **renascimento do Antropocentrismo**. No Renascimento, as obras passam a perder o primitivismo e a ingenuidade das obras medievais e a ganhar um aprimoramento técnico igual ou até superior as obras da antiguidade.

O homem renascentista



O homem do Renascimento se identifica com cultura greco-latina que passa a ser seguida na época. O homem renascentista procura compreender o mundo sob a luz da razão, e faz a associação do equilíbrio entre ela e emoção, as noções de beleza, bem e verdade. Os deuses greco-latinos eram comparados aos homens pelo beleza e inteligência.

A concepção estética que teve a base no Humanismo e no Renascimento convencionou-se chamar **Classicismo**, pois os clássicos eram os antigos filósofos greco-latinos que por sua influência e saber poderiam ser considerados importantes ao ponto de serem estudado em “classes”.

CARACTERÍSTICAS DO CLASSICISMO

- Imitação dos autores greco-latino, por exemplo: Homero, Aristóteles, que eram gregos; Cícero, Virgílio, Horácio que eram latinos.
- Preocupação com a forma: rígida exigência quanto a métrica e a rima dos poemas; acentuada preocupação com a correção gramatical, principalmente com a clareza na expressão do pensamento, a sobriedade e a lógica; preocupa-se com a observância das distinções ou diferenças entre os gêneros literários.
- Construção frasal: ocorre a inversão dos termos na oração e de outras no mesmo período, isto devido a influência latina.
- Utilização da mitologia greco-latina: para dar um efeito mais artístico, porque os personagens mitológicos simbolizam ações, demonstram sentimentos e atitudes humanas.
- Universalidade e impessoalidade: ampla preocupação com as verdades eternas e universais, não levando em conta opiniões particulares e o pessoal, não se tem opinião do autor.

Temas de interesse da época:

- Descobrimientos e as expansões marítimas. Inclusive foi o que tornou Portugal a grande potência mundial da época.

- Idealismo: a arte clássica era naturalista e objetiva; a realidade era idealizada pelo artista. A mulher amada era descrita como um ser celestial, igual aos anjos; a natureza era vista como uma região paradisíaca, onde a paz e a harmonia de bosques e florestas eram mostradas.

PRINCIPAIS AUTORES PORTUGUESES

Luís Vaz de Camões, Francisco de Miranda, Bernardim Ribeiro, Antônio Ferreira

Como **Luís de Camões** foi o mais destacado e conhecido poeta português deste período, será dado maior ênfase a ele.

LUÍS VAZ DE CAMÕES

CAMÕES LÍRICO

A base do amor para os poetas clássicos fundamentava-se em três pensamentos diferentes: o racionalismo, a idealização e o espiritualismo.

Outro poeta que influenciou os poetas portugueses foi o filósofo grego Platão.

PLATONISMO



Platão, (129-347 a.C), influenciou muitas das poesias de Camões. Principalmente no que se refere a Beleza e ao Amor. Para Platão, que tinha um pensamento meio espiritual, nossa alma, que, segundo ele, está presa ao corpo na vida terrena, passa a ligar-se a beleza. O amor platônico é na verdade, a supremacia em direção a Beleza que ultrapassa a pessoa e os prazeres dos sentidos. O amor platônico é aquele que não é correspondido e que não precisa ser! É um sentimento que sobrevive no “plano das ideias”, sem gerar sofrimento já que não é consumado no “plano carnal”.

A obra lírica de Camões é constituída por poemas feitos em medida velha e em medida nova. A medida velha obedece a poesia de tradição popular, as redondilhas, de 5 ou 7 sílabas (menor ou maior, respectivamente). São composições com um tema. Os poemas em medida nova são formas poéticas ligadas a tradição clássica. São eles:

- Sonetos (composições poéticas de 14 versos, distribuídas em dois quartetos e dois tercetos);
- Éclogas (poesia em forma de diálogo, com tema pastoril);
- Elegias (composições que expressam tristeza);
- Canções (composições curtas);
- Oitavas (poemas com as estrofes de 8 versos);
- Sextinas (poemas com as estrofes de 6 versos).

Na poesia lírica de Camões, o amor é descrito como um sentimento que entusiasma o homem, tornando-o capaz de atingir o Bem, a Beleza e a Verdade. Também aparece como um sentimento de significado contrário pela própria natureza. Por um lado, o Amor é manifestação do espírito, por outro é manifestação física. Para Camões, o Amor deve ser experimentado, deve ser sentido e não apenas mental, um sentimento de pensamento.

Na sua poesia lírica, o poeta passa a ideia de que o amor só vale a pena quando é complexo e contraditório. Nos poemas de medida velha, Camões está mais próximo da poesia popular medieval, já nos de média nova aproxima-se de grandes vultos clássicos.

OS SONETOS DE CAMÕES

Introduzido em Portugal por Sá de Miranda, coube ao grande Camões assegurar o triunfo do soneto, mercê de sua irresistível vocação lírica; do seu gosto pela análise das finezas do sentimento amoroso; do equilíbrio entre a agudeza conceitual, a perfeição formal e a expressão comovida dos transe existenciais do poeta; da musicalidade feliz que, por trás do rigor da construção, faz parecerem espontâneos os decassílabos.

Os sonetos de Camões são a parte mais conhecida de sua lírica; os melhores que escreveu são os melhores de toda a literatura da língua portuguesa.

Camões é o maior poeta lírico do Classicismo português.

Dotado de inegável genialidade, coube a ele a melhor performance do soneto em língua portuguesa. Camões segue estritas regras de composição, obedecendo ao princípio da imitação, embebendo-se em fontes italianas como as do poeta Petrarca.

A brevidade do soneto - dois quartetos, dois tercetos - requer grande concentração emocional, geralmente disposta sob a forma de tese-antítese com desfecho conclusivo que busca a síntese ou a unidade. A linguagem é condensada no decassílabo, utilizando a palavra de forma precisa, permeada pelo controle rígido da razão, mesmo quando o tema é uma aparente desordem.

Vamos conhecer alguns sonetos camonianos?

Texto 1

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói e não se sente;
é um contentamento descontente;
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Acabamos de ler o poema mais famoso da obra camoniana. Versa sobre o amor e mostra a face contraditória que esse sentimento tem. Todo o poema é marcado por antíteses

(palavras opostas) e paradoxos (ideias contrárias), por exemplo: “ferida que dói e não se sente” e “um contentamento descontente”. Depois de tanto tentar explicar o que é o amor, o poeta termina com uma pergunta:

“Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?”

Como pode causar um sentimento bom em nossos corações se é tão contraditório o amor?
Camões não soube explicar... você consegue?



Essa poesia foi até inspiração de música! Ouçam Monte Castelo, Legião Urbana!

Texto 2

O dia em que eu nasci, moura e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo e, se tornar,
Eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se lhe escureça,
Mostre o mundo sinais de se acabar,
Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe ao próprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas, de ignorantes,
As lágrimas no rosto, a cor perdida,

Cuidem que o mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se viu!

O texto 2 é um soneto de extremo pessimismo. Embora Camões falasse bastante de amor, viveu com muito pouco e parece que não se ajustava ao seu tempo. Todo esse sentimento é expresso por grande pessimismo. Observem que o poeta amaldiçoa o dia do próprio nascimento! Para ele, não houve nada pior no mundo do que o seu nascimento.

Texto 3

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por uns termos em si tão concertados,
Que dous mil acidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que o Amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia e pena ausente.

Também, Senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-me-ei dizendo a menor parte.

Porém, para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho e arte.



O texto 3 é um soneto muito lindo e sutil! Camões afirma que cantará o amor de maneira tão bela que até quem não sente amor irá sentir! Ele usa antíteses, como “brandas iras”, e nos mostra que o amor não é correspondido (platônico) em “também, Senhora, do desprezo honesto”. Mesmo assim, ele está contente: “Contentar-me-ei dizendo a menor parte”. No final, ele parece modesto ao afirmar “Aqui falta saber, engenho e arte”! Imagina se faltava talento (engenho) para Camões, não é mesmo??

Como falar de Camões sem falar de sua obra máxima?? **OS LUSÍADAS!!**

OS LUSÍADAS

Obra épica de grande importância na literatura portuguesa, conta a trajetória de subida e declínio de Portugal. É uma obra toda em verso e de rara beleza.

Mais que uma obra literária, pode-se dizer que é uma obra de arte, tal foi o empenho do autor em mantê-la com esta regularidade formal. Considerado o maior poema épico da língua portuguesa, foi publicado em 1572, com o apoio do Rei D. Sebastião. O poema conta histórias sobre as perigosas viagens marítimas e a descoberta de novas terras, povos e culturas, exaltando o heroísmo do homem, que, navegador, aventureiro, cavaleiro e amante, é também destemido e bravo, e enfrenta mares desconhecidos em busca dos seus objetivos.

Como foi típico do Renascimento, o poema não poderia deixar a característica antropocêntrica de exaltação do homem e de suas faculdades mentais, psicológicas, etc. Em plena expansão marítima de Portugal e de toda a Europa, o sentimento conquistador e heroico era completamente oportuno para ser incutido na literatura da época.

Além de narrar o caminho para a descoberta das Índias, a epopeia fala sobre as grandes navegações, o império português no Oriente, os reis e heróis de Portugal, dentre outros fatos que o tornam um poema histórico, enciclopédico. Em paralelo, desenvolve-se também uma história mitológica, envolvendo lutas entre os deuses do Olimpo: Vênus e Marte, Baco e Netuno.

Em Os Lusíadas podemos encontrar ideais renascentistas, imperialistas e nacionalistas, cristãos e pagãos, épicos e líricos, ufanistas e críticos, clássicos e barrocos. Com esta quantidade de contrapontos que se cruzam, Camões foi reconhecido como grande literato, elaborando uma obra com uma linguagem muito rica.

Quanto à história, o enredo é dividido em cinco partes, como manda a tradição clássica a uma epopeia. São elas:

- Proposição - Apresentação da obra e síntese do assunto, ressaltando o heroísmo, o antropocentrismo, o ufanismo, dentre outras características do homem.
- Invocação das Tágides - É um pedido do autor às musas Tágides, ninfas do rei Tejo, para virem lhe dar inspiração.
- Dedicatória ao Rei D. Sebastião - O rei é apresentado como um menino, aos 14 anos assumindo o trono, exaltando-o como jovem e esperança da pátria.
- Narração - Parte mais consistente da história, como já dito, foca-se em três pontos principais: a viagem de Vasco da Gama às Índias, a narrativa da história de Portugal e as lutas e intervenções dos deuses do Olimpo. Ao mesmo tempo, o autor faz descrições de fenômenos como a tromba marítima, e disserta sobre a moral, o ouro, as riquezas, entre outros interesses do homem renascentista.
- Epílogo - última parte, contém críticas do poeta, lamentações sobre a realidade, exortações ao rei, etc. O tom destas últimas 12 estrofes é pessimista, criticando a decadência do país, e reforçando a exaltação ao Rei D. Sebastião.

Agora, quero compartilhar com vocês uma belíssima análise feita por Francisco Achcar sobre um episódio lírico que podemos encontrar dentro da obra épica de Camões: episódio de Inês de Castro. Peço muita atenção para a leitura:

Os Lusíadas – Inês de Castro

Tragédia de amor é momento lírico em poema épico

No Renascimento, o projeto de recriar os grandes gêneros da literatura greco-latina levou muitos poetas, em diversos países, a tentarem compor obras no que era considerado o gênero máximo: o épico. A epopeia (ou poema épico) é um longo poema narrativo, de estilo elevado e assunto heroico, envolvendo grandes acontecimentos do passado. Se os heróis e as façanhas são históricos ou míticos esta não é uma questão significativa para a épica antiga.

Mas era um ponto importante para Camões, que se orgulhou de estar contando em "Os Lusíadas" (1572) uma história grandiosa realmente ocorrida, verdadeira, e não falsa, inventada, como as dos heróis míticos celebrados tanto pelos gregos e romanos da Antiguidade, quanto pelos poetas de seu tempo. A estes teria faltado um tema da magnitude daquele que a história recente de Portugal oferecia a Camões: a estupenda aventura da conquista do mar e busca de terras distantes e ignoradas, que ampliaram enormemente os limites do mundo então conhecido. Com uma história dessas, com seu gênio artístico e uma extraordinária experiência de vida, Camões escreveu a melhor epopeia do Renascimento.



Nela, três histórias se superpõem e se imbricam: 1) a história da viagem de Vasco da Gama e seus marinheiros à Índia; 2) a história de Portugal, chegando até a época da viagem e antecipando acontecimentos posteriores a ela, e 3) a história dos deuses que, como forças do destino, tramam e destramam a sorte daqueles bravos portugueses que enfrentam perigos e inimigos desconhecidos para ampliar as fronteiras de seu reino e de sua religião.

Numa longa etapa da obra (cantos III-V), Vasco da Gama (herói da história 1) conta ao rei de Melinde (costa oriental da África) a história de Portugal (história 2). Entre os acontecimentos notáveis do passado português, o capitão se detém no relato dos eventos que envolveram Inês de Castro, compondo um dos mais belos episódios do poema (canto III, estrofes 118-135). Trágico conto de amor, é a história daquela "que depois de ser morta foi rainha".

O fato relatado por Camões foi registrado por cronistas da época e pode, em seus dados históricos, ser assim resumido. Dona Inês, da importantíssima família castelhana Castro, veio a Portugal como dama de companhia da princesa Constança, noiva de D. Pedro, herdeiro do rei D. Afonso 4º. O príncipe apaixonou-se loucamente pela moça, de quem teve filhos ainda em vida da princesa, sua esposa. Com a morte desta, em 1435, ter-se-ia casado clandestinamente com Inês, segundo o que ele mesmo declarou tempos depois, quando já se tornara rei. Talvez tal declaração, embora solene, fosse falsa; é fato, porém, que o príncipe rejeitou diversos casamentos, politicamente convenientes, que lhe foram propostos depois que ficou viúvo.

A ligação entre o príncipe e sua amante não foi bem vista pelo rei, que temia fosse seu filho envolvido em manobras pró-Castela da família de Pérez de Castro, pai de Inês. (Aqui é preciso lembrar que o conflito entre Portugal e Castela, ou seja, a Espanha, remonta à fundação de Portugal, que nasceu de um desmembramento do território castelhano e que Castela sempre almejou reintegrar a si.) Em consequência, o rei, estimulado por seus conselheiros, decidiu-se pelo assassinato de Inês, que foi degolada quando o príncipe se achava caçando fora de Coimbra, onde vivia o casal. O crime motivou um longo conflito entre o príncipe e o pai. Depois que se tornou rei, D. Pedro ordenou a exumação (desenterramento) do cadáver, para que Inês fosse coroada como rainha.

Camões, que se concentra no conflito entre o amor e os poderes perversos do mundo, não é o único nem foi o primeiro a dar tratamento literário à história de Inês de Castro, mas a sua versão paira sobre todas as outras, anteriores ou posteriores. Vários fatores concorrem para que o episódio seja dos mais admirados de "Os Lusíadas": a pungência da história, devida tanto à piedade que inspiram Inês e seus filhos, quanto ao amor constante, inconformado e revoltado de D. Pedro; a gravidade da questão envolvida, que opõe o interesse pessoal e os interesses coletivos (a "razão de Estado"), e, finalmente e sobretudo, o encanto lírico de que Camões cercou a figura de Inês, a quem atribui longo e eloquente discurso, impondo-a como um dos grandes símbolos femininos da literatura e não só da literatura de língua portuguesa.

Francisco Achcar, autor de "Lírica e Lugar-comum" (Edusp), é professor de língua e literatura latina na Unicamp e coordenador de português do Curso e Colégio Objetivo. Do caderno FOVEST, da Folha de São Paulo.



QUESTÕES COMENTADAS – PARTE II

06. Sobre a lírica camoniana, é incorreto afirmar:

- a) Boa parte de suas poesias são de inspiração clássica;
- b) Sua temática é variada, encontrando-se temas tradicionais portugueses, reflexões sobre o mundo e o amor.
- c) No aspecto formal, utilizou apenas versos decassílabos.
- d) Sonda o mundo do “eu”, da mulher e do amor.
- e) Muitas vezes procurou conceituar o amor lançando mão de antíteses e paradoxos.

Comentários: sobre todos os aspectos da lírica camoniana abordados nas assertivas, o incorreto é dizer que o poeta clássico utilizou APENAS versos decassílabos (medida nova), quando sabemos que ele usou também, e com maestria, os versos com 5 (redondilha menor) e com 7 sílabas métricas (redondilha maior), chamados de medida velha.

GABARITO: C

07. Camões distinguiu-se na literatura portuguesa, entre outras razões:

- a) por ter sido o único escritor clássico de Portugal.
- b) por ter sido o maior crítico da sociedade portuguesa de seu tempo.
- c) por ter criado o teatro popular.
- d) por ter escrito a melhor interpretação poética dos valores de seu tempo.

Comentário: Camões foi o melhor, mais estudado e grandioso autor português de seu tempo, mas não foi o único. Sua temática era sobre o amor e suas contradições, sobre pessimismo, angústia, mas não há crítica à sociedade. Camões não fez teatro. Sendo assim, a única afirmativa correta é a D, pois ele representou com perfeição os valores renascentistas de sua época.

GABARITO: D

Leia com atenção:

*Tanto de meu estado me acho incerto
que em vivo ardor tremendo estou de frio;
sem causa, juntamente choro e rio;
o mundo todo abarco e nada aperto.*



*É tudo quanto sinto um desconcerto;
da alma um fogo me sai da vista de um rio
agora espero, agora desconfio,
agora desvario, agora acerto.*

*Estando em terra, chego ao céu voando;
numa hora acho mil anos e é de jeito
que em mil anos não posso achar uma hora.*

*Se me pergunta alguém porque assim ando,
respondo que não sei; porém suspeito
que só porque vos vi, minha Senhora.*

08. Os quartetos ilustram uma temática recorrente do poeta, que seria:

- a) a fugacidade da vida.
- b) desconcerto amoroso.
- c) a angústia criativa.
- d) as alegrias do amor.
- e) desejo da morte.

Comentário: *no soneto lírico em questão, o eu-lírico senti-se tão incerto como o próprio amor. Ele não demonstra vontade de fugir, nem de morrer. Ele vive esse estado incerto por ter apenas visto a sua idealizada amada.*

GABARITO: B

09. (UFLA) O soneto acima transcrito é de Luiz Vaz de Camões (da questão anterior). Nele se acha uma característica da poesia clássica renascentista. Assinale esta característica, em uma das alternativas.

- a) a suspeita de amor que o poeta declara na conclusão.
- b) o jogo de contradições e perplexidades que atormentam o poeta.
- c) o fato de todos perguntarem ao poeta por que assim anda.
- d) o fato de o poeta não saber responder a quem o interroga.
- e) a utilização de um soneto para o relato de suas amarguras.



Comentário: caros alunos, cuidado com o que está sendo pedido no enunciado. No caso, a questão pede uma característica tipicamente RENASCENTISTA presente no poema. O que se afirma nas alternativas A, B, C e D poderia ser assunto de poemas de várias épocas, mas foi no RENASCIMENTO que o soneto foi confirmado como expressão máxima das amarguras do eu-lírico.

GABARITO: E

*Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói e não se sente;
é um contentamento descontente;
é dor que desatina sem doer.*

*É um querer mais, que bem-querer;
é solitário andar por entre a gente;
é um não contentar-se de contente;
é cuidar que se ganha em de perder.*

*É um estar-se preso por vontade,
é servir quem vence o vencedor, é
Ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode o seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?*

10. O poema, acima, trata da:

- a) ilusão sobre o amor.
- b) satisfação com o amor.
- c) definição do amor.
- d) recusa do amor.
- e) busca do amor.



Comentário: o eu-lírica passa toda a extensão do poema buscando palavras que defiam o que é o amor.

GABARITO: C

11. Assinale a alternativa que apresenta ideias semelhantes às aquelas apresentadas no poema de Camões no poema “Amor é fogo que arde sem se ver”:

a) “Ornemos nossas cabeças com flores

E façamos de feno um brando leito,
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de são amores...”

(Tomás Antônio Gonzaga)

b) “Colham-se as rosas na manhã da vida;

Ao menos no fugir da primavera,
Das flores o perfume se respirem
O peito se franquei aos castos gozos;
Amemos sem medida, ó cara amante!”

(Castro Alves)

c) “Amei... desventura minha!

Quis curar-me e piorei!
O amor só mágoas continha
e, aos tormentos que já tinha,
novos tormentos juntei!”

(Menotti Del Picchia)

d) “A mulher do fim do mundo

Dá de comer às roseiras
Dá de beber às estátuas
Dá de sonhar aos poetas”

(Murilo Mendes)



e) “Saboroso é o amor
Fruta boa.
Coração é o quintal
Da pessoa”
(Milton Nascimento)

Comentário: a alternativa A traz um trecho que Tomás Antônio Gonzaga, autor árcade de grande expressão. O eu-lírico vive um momento tranquilo com sua amada junto à natureza, bem diferente da contradição e sofrimento amoroso de Camões. A alternativa B, por sua vez, traz um trecho do poeta romântico Castro Alves no qual a mulher é convidada para realização carnal do amor. Na temática do poeta romântico da terceira geração, a mulher é real, não idealizada como em Camões. Agora observem a alternativa C, nela temos um trecho de Menotti Del Picchia cuja a temática são os tormentos do amor, tanto que temos o verso “O amor só mágoas continha” para confirmar isso. Embora Menotti tenha feito uma poesia moderna, sua temática é bem próxima da de Camões nesse poema. As alternativas D e E trazem trechos de autores brasileiros do século XX com temáticas que se afastam do contraditório amor camoniano.

GABARITO: C

12. No poema, o amor é definido como um sentimento:

- a) bom.
- b) penoso.
- c) caótico.
- d) paradoxal.
- e) compreensível.

Comentário: no final do poema, Camões deixa claro uma coisa: o amor é um sentimento antes de tudo paradoxal e essa contradição causa dor, sofrimento, incompreensão e caos na vida do poeta.

GABARITO: D

13. A expressão: “É cuidar que” (verso 08) corresponde semanticamente a:

- I. observar.
- II. tomar conta.
- III. refletir/pensar.

Assinale a alternativa correta:

- a) Somente I é verdadeiro.



- b) Somente II é verdadeiro.
- c) Somente III é verdadeiro.
- d) Somente I e II são verdadeiros.
- e) Somente II e III são verdadeiros.

Comentário: vamos rever a estrofe:

*É um querer mais, que bem-querer;
é solitário andar por entre a gente;
é um não contentar-se de contente;
é cuidar que se ganha em de perder.*

Dentro do contexto, “cuidar que” significa perceber, se dar conta de algo, observar. Não corresponde a “refletir/pensar”, pois tais palavras trazem uma ideia passiva, quando ganhar e se perder são ações de quem ama.

GABARITO: D

14. (W.Rosignoli) Aponte o verso que destoa dos demais:

- a) “Amor é fogo que arde sem se ver”
- b) “é um contentamento descontente”
- c) “é solitário andar por entre a gente”
- d) “é cuidar que se ganha em de perder”
- e) “nos corações humanos amizade”

Comentário: o único verso que não é marcado por paradoxo (palavras ou expressões com sentidos opostos) é o que temos na alternativa E. Vou marcar o paradoxo em cada alternativa:

- a) “Amor é fogo que arde sem se ver”
- b) “é um contentamento descontente”
- c) “é solitário andar por entre a gente”
- d) “é cuidar que se ganha em de perder”

GABARITO: E

15. (W.Rosignoli) Aponte o fragmento em que não fica evidente uma oposição semântica:

- a) “doi e não se sente”
- b) “querer mais que bem querer”
- c) “contentamento descontente”

- d) “ganha em se perder”
- e) “solitário andar por entre a gente”

Comentário: oposição semântica seria o uso de palavras ou expressões contrárias em um mesmo verso, o que apenas não ocorre em “querer mais que bem querer”.

GABARITO: B

16. (FUVEST) O jogo de imagem que sustenta o soneto expressa os pensamentos do autor a respeito de um sentimento amoroso. Para conceituar e compreender o processo amoroso, o poeta utiliza-se da antítese, que por sua vez anunciava o estilo:

- a) pré-barroco ou maneirista
- b) mercantil-colonialista
- c) rococó
- d) medieval-cristão
- e) idealista.

Comentário: na próxima aula, vou falar sobre o Barroco, estilo de época que vem logo após o Renascimento. Podemos dizer que esse sentimento contraditório de Camões é um pré-barroco, pois é na obra barroca que o uso de antíteses e paradoxos chega a sua expressão máxima!

GABARITO: A

LISTA DE QUESTÕES QUE FORAM COMENTADAS NESTA AULA

01. (Mack) Assinale a afirmativa correta sobre o texto I.

Texto I

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
E ai Deus, se verrá cedo!
Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ai Deus, se verrá cedo!



Martim Codax

Obs.:

verrá = virá

levado = agitado

- a) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico masculino manifesta a Deus seu sofrimento amoroso.
- b) Nessa cantiga de amor, o eu lírico feminino dirige-se a Deus para lamentar a morte do ser amado.
- c) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico masculino manifesta às ondas do mar sua angústia pela perda do amigo em trágico naufrágio.
- d) Nessa cantiga de amor, o eu lírico masculino dirige-se às ondas do mar para expressar sua solidão.
- e) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico feminino dirige-se às ondas do mar para expressar sua ansiedade com relação à volta do amado.

Senhor feudal

Se Pedro Segundo

Vier aqui

Com história

Eu boto ele na cadeia.

Oswald de Andrade

02. (UNIFESP) O título do poema de Oswald remete o leitor à Idade Média. Nele, assim como nas cantigas de amor, a ideia de poder retoma o conceito de

- a) fé religiosa.
- b) relação de vassalagem.
- c) idealização do amor.
- d) saudade de um ente distante.
- e) igualdade entre as pessoas.



03. Assinale a alternativa que identifique corretamente o tipo de composição poética exemplificada no trecho.

Ai, dona fea, foste-vos queixar
Que vos nunca louv`em[o] meu trobar;
Mais ora quero fazer um cantar
Em que vos loarei toda via;
E vedes como vos quero loar:
Dona fea, velha e sandia!

(D. Joam Garcia de Guilhade)

- a) cantiga de amor
- b) cantiga de amigo
- c) cantiga de amigo, sem refrão
- d) cantiga de escárnio
- e) cantiga de maldizer

04. (UM-SP) Nas cantigas de amor,

- a) o trovador expressa um amor à mulher amada, encarando-a como um objeto acessível a seus anseios.
- b) o trovador velada ou abertamente ironiza personagens da época.
- c) o “eu-lírico” é feminino, expressando a saudade da ausência do amado.
- d) o poeta pratica a vassalagem amorosa, pois, em postura platônica, expressa seu amor à mulher amada.
- e) existe a expressão de um sentimento feminino, apesar de serem escritas por homens.

05. (Fuvest-SP) Interpretando historicamente a relação de vassalagem entre homem amante/mulher amada, ou mulher amante/homem amado, pode-se afirmar que:

- a) o Trovadorismo corresponde ao Renascimento.
- b) o Trovadorismo corresponde ao movimento humanista.
- c) o Trovadorismo corresponde ao Feudalismo.



- d) o Trovadorismo e o Medievalismo só poderiam ser provençais.
- e) tanto o Trovadorismo como o Humanismo são expressões da decadência medieval.

06. Sobre a lírica camoniana, é incorreto afirmar:

- a) Boa parte de suas poesias são de inspiração clássica;
- b) Sua temática é variada, encontrando-se temas tradicionais portugueses, reflexões sobre o mundo e o amor.
- c) No aspecto formal, utilizou apenas versos decassílabos.
- d) Sonda o mundo do “eu”, da mulher e do amor.
- e) Muitas vezes procurou conceituar o amor lançando mão de antíteses e paradoxos.

07. Camões distinguiu-se na literatura portuguesa, entre outras razões:

- a) por ter sido o único escritor clássico de Portugal.
- b) por ter sido o maior crítico da sociedade portuguesa de seu tempo.
- c) por ter criado o teatro popular.
- d) por ter escrito a melhor interpretação poética dos valores de seu tempo.

Leia com atenção:

*Tanto de meu estado me acho incerto
que em vivo ardor tremendo estou de frio;
sem causa, juntamente choro e rio;
o mundo todo abarco e nada aperto.*

*É tudo quanto sinto um desconcerto;
da alma um fogo me sai da vista de um rio
agora espero, agora desconfio,
agora desvario, agora acerto.*

*Estando em terra, chego ao céu voando;
numa hora acho mil anos e é de jeito*



que em mil anos não posso achar uma hora.

*Se me pergunta alguém porque assim ando,
respondo que não sei; porém suspeito
que só porque vos vi, minha Senhora.*

08. Os quartetos ilustram uma temática recorrente do poeta, que seria:

- a) a fugacidade da vida.
- b) desconcerto amoroso.
- c) a angústia criativa.
- d) as alegrias do amor.
- e) desejo da morte.

09. (UFLA) O soneto acima transcrito é de Luiz Vaz de Camões (da questão anterior). Nele se acha uma característica da poesia clássica renascentista. Assinale esta característica, em uma das alternativas.

- a) a suspeita de amor que o poeta declara na conclusão.
- b) o jogo de contradições e perplexidades que atormentam o poeta.
- c) o fato de todos perguntarem ao poeta por que assim anda.
- d) o fato de o poeta não saber responder a quem o interroga.
- e) a utilização de um soneto para o relato de suas amarguras.

*Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói e não se sente;
é um contentamento descontente;
é dor que desatina sem doer.*

*É um querer mais, que bem-querer;
é solitário andar por entre a gente;
é um não contentar-se de contente;*



é cuidar que se ganha em de perder.

*É um estar-se preso por vontade,
é servir quem vence o vencedor, é
Ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode o seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?*

10. O poema, acima, trata da:

- a) ilusão sobre o amor.
- b) satisfação com o amor.
- c) definição do amor.
- d) recusa do amor.
- e) busca do amor.

11. Assinale a alternativa que apresenta ideias semelhantes àquelas apresentadas no poema de Camões no poema “Amor é fogo que arde sem se ver”:

a) “Ornemos nossas cabeças com flores
E façamos de feno um brando leito,
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de são amor...”
(Tomás Antônio Gonzaga)

b) “Colham-se as rosas na manhã da vida;
Ao menos no fugir da primavera,
Das flores o perfume se respirem
O peito se franquei aos castos gozos;
Amemos sem medida, ó cara amante!”
(Castro Alves)



c) “Amei... desventura minha!
Quis curar-me e piorei!
O amor só mágoas continha
e, aos tormentos que já tinha,
novos tormentos juntei!”
(Menotti Del Picchia)

d) “A mulher do fim do mundo
Dá de comer às roseiras
Dá de beber às estátuas
Dá de sonhar aos poetas”
(Murilo Mendes)

e) “Saboroso é o amor
Fruta boa.
Coração é o quintal
Da pessoa”
(Milton Nascimento)

12. No poema, o amor é definido como um sentimento:

- a) bom.
- b) penoso.
- c) caótico.
- d) paradoxal.
- e) compreensível.

13. A expressão: “É cuidar que” (verso 08) corresponde semanticamente a:

- I. observar.
- II. tomar conta.
- III. refletir/pensar.



Assinale a alternativa correta:

- a) Somente I é verdadeiro.
- b) Somente II é verdadeiro.
- c) Somente III é verdadeiro.
- d) Somente I e II são verdadeiros.
- e) Somente II e III são verdadeiros.

Comentário: vamos rever a estrofe:

*É um querer mais, que bem-querer;
é solitário andar por entre a gente;
é um não contentar-se de contente;
é cuidar que se ganha em de perder.*

14. (W.Rosignoli) Aponte o verso que destoa dos demais:

- a) “Amor é fogo que arde sem se ver”
- b) “é um contentamento descontente”
- c) “é solitário andar por entre a gente”
- d) “é cuidar que se ganha em de perder”
- e) “nos corações humanos amizade”

15. (W.Rosignoli) Aponte o fragmento em que não fica evidente uma oposição semântica:

- a) “doi e não se sente”
- b) “querer mais que bem querer”
- c) “contentamento descontente”
- d) “ganha em se perder”
- e) “solitário andar por entre a gente”



16. (FUVEST) O jogo de imagem que sustenta o soneto expressa os pensamentos do autor a respeito de um sentimento amoroso. Para conceituar e compreender o processo amoroso, o poeta utiliza-se da antítese, que por sua vez anunciava o estilo:

- a) pré-barroco ou maneirista
- b) mercantil-colonialista
- c) rococó
- d) medieval-cristão
- e) idealista.

Queridos alunos, que o estudo de cada um seja só alegria e satisfação!

Ah! Entrem em contato sempre que quiserem e/ou precisarem por e-mail ou fórum!

Hora de descansar!

Rafaela Freitas.

E-mail: professorarafaelfreitas@gmail.com

Facebook, Instagram e Youtube: ***Prof. Rafaela Freitas***



GABARITO

- 1. E
- 2. B
- 3. D
- 4. D
- 5. C
- 6. C
- 7. D
- 8. B
- 9. E
- 10. C
- 11. C
- 12. D
- 13. D
- 14. E
- 15. B
- 16. A



